

Decibéis de prazer escorrendo na pele...

Raibblue

“.. nem quero falar só com seu ouvido, eu quero entrar no seu coração... Nem quero falar só de amor...”

(Mombojó)

Chegou pelo meio-fio da palavra e tropeçou em mim.

Em cada parte do texto, ia comendo pedacinhos do meu corpo e alma. Nem imaginava que sentiria meu hálito na respiração de cada sílaba. Aroma de café. Café com palavras era o meu orgasmo de todos os dias, minha oração, minha liturgia. Por isso, ele sentia calor e arrepios percorrendo seus pelos, à medida que roçava seus olhos sobre mim. Eu ia me despindo, vestindo-me de palavras nuas... Elas eram a minha pele, e eu, o seu absinto.

E nesse roçar, no vai-e-vem das pálpebras dele, tudo foi se encaixando. Não sei quem penetrou quem, mas estávamos dentro. E eram molhados os caminhos, um céu róseo entre pétalas abertas, jorrando néctar em sua língua, que lambia os beijos, faminta! Salivava de desejo feito um cão farejando a carne mal-passada, vermelha, quase sangrando...

O piano de minhas palavras tocava uma sinfonia em seu corpo e logo despertava os tambores que estremeciam sua pele... Misturávamos os ritmos entre olhos e dedos, era um concerto eclético! Como se, ancestrais, nos reconhecêssemos no mesmo batuque ecoando em nossa taba. Sim, as palavras eram nossa tribo, aldeia para os nossos rituais de libertação!

Seus olhos eram vésperas de dias chuvosos, embaixo do cobertor, enquanto minha língua devorava seus sentidos, saraivadas de duplos sentidos! Não buscávamos sentido, amplificávamos os sentidos...Bastava.

Eram decibéis de prazer escorrendo na pele da palavra e na dele...

Não existia preocupação com o dia seguinte. Eu estava ali, disponível, entregue aos seus olhos, para que a chuva caísse, através de qualquer fresta de tempo, dos seus dias mornos, e pudéssemos nos encontrar sob a tenda armada da mente, que acionava cada poro. Não havia cobranças. Possuíamo-nos sem posse, como o mar lambe a areia, e ela sorri, permitindo, pois sabe de sua volta, entre uma maré e outra.

Existia um mar que juntava nossos continentes, era o mesmo mar correndo por dentro, fora de qualquer mapa. Não tínhamos limites: nem de cor nem de idade ou classe social. As palavras que nos vestiam eram atemporais e despudoradas, eram nuas, livres, não se preocupavam com formas, mas com conteúdos. A única forma que me importava era a dos olhos dele, que eram graúdos e famintos, duas luas a me torturar!! Neles eu caberia todinha ou quase toda...

Ia me despindo aos poucos, um strip-tease nas entrelinhas...

Meus morros iam surgindo redondinhos, picos e abaetés adocicados, encharcando a palavra que bombeava seu sangue e avolumava o desejo que escapava pelo ladinho , pois não mais cabia ali., precisava de espaço para se libertar...

Pela lateral, ele encontraria minha rosa ... e tudo seria orvalho, mar desaguando nas idéias... neurônios em pêlo...

Por que será que a liberdade sempre vem assim , pelas laterais...?

Seus olhos sugavam minha língua em movimentos alternados, ora rápidos, ávidos, quase selvagens; ora lentos, a fim de alongar as saborosas sensações... Eu me tornei seu ópio, o paraíso que se abria no meio do caos, um sorriso molhado que escapava no meio do corredor do seu cotidiano e ninguém entendia...

Nem desconfiavam que era minha voz sussurrada, nas palavras voando no pensamento dele, acendendo uma dionisiaca fogueira...

Minhas palavras violentaram o seu silêncio, vieram para libertá-lo, pois estava com o corpo e a alma aprisionados, carregando o peso do que não conseguia dizer. Agora o silêncio tornou-se desejado, era nele que eu me escondia e me revelava. Era aquele silêncio, onde tudo ao redor se calava, para ouvir minha respiração e a dele, como se ele tivesse saído de um estado de coma.

Minhas palavras trouxeram de volta seus batimentos cardíacos e os sentidos a brincar entre os seus olhos e os meus dedos, no meio do texto , nosso tapete mágico...

E, depois, eram dedos a brincar no meio de mim...

Na pele das minhas palavras , baterá seu coração?

“Enrolar o mundo à roda dos nossos dedos, como um fio ou uma fita com que brinque uma mulher que sonha à janela...” nas vésperas de dias de chuva...

E, assim, deixei-me molhar...molhar..., nos olhos dele, espiando-me do outro lado..., nesse lugar que, de tão próximo, já tornou-se aqui...

(Raibblue)

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/decibeis-de-prazer-escorrendo-na-pele>